

Não estou só

Tenho alguns amigos petistas de carteirinha e de princípios (portanto, não fazem parte da máfia que tomou de assalto o partido, os quais defino como “petistas paraguaios”) que até um tanto constrangidos reclamam que tenho sido muito ácido em minhas críticas nas páginas do JP e fora delas.

Recordam-me que nem todos os

que acreditaram e acreditam nas propostas petistas do partido, nascidas de idealismos e princípios éticos rígidos lá atrás desde os tempos de chumbo da ditadura militar, estão hoje se prostituindo, se locupletando e enxovalhando tais ideais.

Respondo a estes que da mesma maneira que critiquei, enquanto cidadão lúcido (e não como um boçal, pois

posso ser tudo, menos idiota), os oito anos da administração do “sociólogo de butique ou de boteco”, pelos desmandos, corrupção, desrespeito aos cidadãos e falta de compromisso democrático na verdadeira acepção da palavra, uso da oportunidade que o JP me dá para externar os mesmos sentimentos em relação ao “molusco cefalópode”.

Infelizmente não tenho nenhum instrumento de precisão que me permita ponderar qual dos dois governos é mais leniente com a bandalheira, com a falta de vergonha. Com o desrespeito à Constituição, até. Assim, enfio os dois no mesmo saco.

Mas confesso que por vezes me ponho a pensar... Será que estaria exagerando? Não poderia ser mais condescendente com a classe política? Com o molusco e sua tropa de choque capitaneada por Sarney, Calheiros, Collor e outros menos midiáticos? Será que não exagero quando já, muitas vezes, escrevi afirmando que vivemos numa falsa democracia?

Esta minha balança foi por poucas horas. Quis o destino que no mesmo dia em que matutava sobre isso re-

cebo um videoclipe de uma entrevista do sociólogo e professor da Universidade de Brasília Dr. Lucio C. Branco dada à Radiobrás por ocasião do 7 de setembro do ano passado.

Alguns trechos do que falou: “Somos filhos da escravidão. Não somos um país democrático. Não há cidadania neste país. São discursos cosméticos, vazios. Somos um povo prostrado... As nossas vontades são definidas pelas classes dominantes de forma que esse compromisso perverso entre o dominado e o dominador marca profundamente uma psicopatologia de nossa cultura...”

Não se trata de um simples cidadão a afirmar, como eu o tenho feito. Trata-se de um dos maiores sociólogos do país com reconhecimento internacional!!! Sinto-me, mandando às favas a modéstia, em muito boa companhia.

Em seguida o repórter pergunta a ele o que achava do desfile de 7 de setembro que ocorreria em Brasília com o presidente participando do mesmo.

“Se o presidente da República, realmente, for desfilando vai ser um momento áureo do desfile porque é uma figura cômica, é uma figura criada

com os objetivos estratégicos de desvio, de tergiversação... Quanto ao desfile em si sempre pretendeu ser uma comemoração que caracterizasse esforços de independência do Brasil, porque todas as Forças Armadas, globalmente, são organizações que cristalizam o maior desenvolvimento científico e tecnológico. Não é o caso de nossas Forças Armadas que estão absolutamente desmanteladas, esfaceladas e aí será um desfile lamentável como o que tem sido nos últimos anos.”

Logo a seguir percebe-se no vídeo o constrangimento do repórter que encerra rapidinho a entrevista com o olhar meio assustado. Pudera! Era ao vivo e um cidadão descendo o cacete no “grande guia”... Tsc, tsc, tsc... Enfim, ainda bem que tem gente que não se engravida pelo ouvido, ou não tem boquinha no governo, ou não é submisso nem lambe botas. O país ainda tem cura!

TOMAZ CAETANO CANNAMAM RIPOLI é professor titular do Departamento de Engenharia Rural da Esalq-USP (Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz — Universidade de São Paulo)



CAETANO RIPOLI

